

AÇÕES INSUBORDINADAS CRIATIVAS NAS AULAS DE LÍNGUA ESPANHOLA

Ana Cristina Borges Fiuza¹

RESUMO

Este trabalho trata-se de um ensaio que objetiva discutir a insubordinação criativa presente na prática docente nas aulas de língua estrangeira, mais especificamente a língua espanhola. Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica que teve como base o texto “*Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático*”, de Beatriz Silva D’Ambrosio e Celi Espasandin Lopes. Diante da escassez de pesquisas sobre o assunto na área de ensino de línguas, servimo-nos das experiências e reflexões sobre o tema pensado para a formação do educador matemático transpondo essa perspectiva na tentativa de compreender sua contribuição nas aulas de língua.

Palavras-Chave: Insubordinação Criativa. Prática docente. Ensino de Língua espanhola.

1. INTRODUÇÃO

A criatividade nasce do desejo de fazer coisas diferentes, de ser rebelde em relação ao status quo, de apostar em situações inovadoras. Não apenas de sistematicamente se estar em oposição, que pode ser insubordinação.

Belmiro de Azevedo

Pensar sobre a Insubordinação Criativa no Brasil é trazer Beatriz D’Ambrosio e Celi Lopes para dialogar. Essas duas pesquisadoras realizaram várias pesquisas sobre esse conceito principalmente na área de Educação Matemática, e trouxeram o termo para o Brasil pela perspectiva de Paulo Freire que considera a inconclusão como um permanente processo de busca. Assim, o conceito de insubordinação criativa ganha o viés da ética, autonomia, colaboração, solidariedade e da justiça social.

¹ <http://lattes.cnpq.br/4028730105301866>

Este ensaio tem por intuito discutir o conceito de insubordinação criativa e sua possível contribuição na prática docente nas aulas de língua estrangeira, mais especificamente a língua espanhola. Para isso, o presente ensaio foi desenvolvido a partir de pesquisa bibliográfica e teve como base o texto *“Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático”*, de Beatriz Silva D’Ambrosio e Celi Espasandin Lopes.

2. CONCEITUANDO INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA NO CONTEXTO ESCOLAR

O termo **Insubordinação Criativa, doravante IC**, já havia sido utilizado desde o fim da década de 70 e início dos anos 80 nos Estados Unidos, em outras áreas do conhecimento.

D’Ambrosio e Lopes, salientam que o conceito de insubordinação criativa foi exposto pela primeira vez no final da década de 1970 e início de 1980, nos Estados Unidos, a partir de uma publicação de um relatório de um estudo etnográfico realizado por Morris *et al.* (1981), que evidenciava a desobediência ante atividades burocráticas de alguns diretores de escolas em Chicago com a finalidade de atender “à melhoria e ao bem estar da comunidade educacional, de modo a preservar princípios éticos, morais e de justiça social” (D’Ambrosio; Lopes, 2015).

Depois, em 1993, outro estudo por McPherson e Crowson, como no primeiro estudo este também foi realizado nas escolas em Chicago.

No Brasil o conceito de Insubordinação Criativa foi apresentado por Beatriz D’Ambrosio e Celi Lopes, buscando pensar e refletir sobre as ações dos profissionais de Educação Matemática. As autoras consideram a premissa de que “atrever-se a criar e ousar na ação docente decorre do desejo de promover uma aprendizagem na qual os estudantes atribuam significados ao conhecimento” adquirido. Num contexto educativo geral, elas afirmam que esse termo, refere-se às pessoas que educam, que por escolha ética, escolhem não seguir as normas do contexto em que está inserido, porque percebem que muitas delas não asseguram o melhoramento e o bem-estar da comunidade educativa.

Podemos considerar como atos de insubordinação, toda vez que um profissional, alicerçado por bases éticas, resolve agir de maneira diversa à imposta pelo contexto em que está inserido. São ações de rupturas assumidas diante às normas ou regras institucionais visando um melhor atendimento às necessidades das pessoas envolvidas no processo.

Assim, a insubordinação criativa objetiva assegurar que o sistema de orientações, por exemplo, um currículo rígido, não influencie negativamente os intervenientes na educação, impedindo assim o acesso a uma educação de qualidade.

3. SUBVERSÃO RESPONSÁVEL NAS AULAS DE LÍNGUA ESPANHOLA

Um termo sinônimo à Insubordinação Criativa é o de Subversão Responsável. D'Ambrosio e Lopes (2015) afirmam que esse termo foi utilizado no final da década de 80, na área de Enfermagem, para referir-se às quebras de regras que os profissionais assumiam ao buscar proteger e possibilitar melhores condições aos pacientes.

O conceito de Insubordinação Criativa foi trazido para o Brasil, recentemente e como consequência disso, ao fazer uma pesquisa bibliográfica sobre o termo nas bases de dados brasileiras, encontramos alguns estudos, em sua maioria, voltados para a educação matemática, etnomodelagem e ensino de ciência. Há alguns estudos voltados ainda para a formação pedagógica do professor e também sobre a avaliação no ambiente escolar, porém não encontramos nenhum trabalho voltado ao uso da insubordinação criativa no ensino de línguas, materna ou estrangeira.

Diante desse contexto, fica evidente que não há suficientes pesquisas sobre IC nas aulas de E/LE, porém, convivendo nesse universo há quase duas décadas, posso afirmar que há muitas ações insubordinadamente criativa no contexto de ensino de línguas estrangeiras.

Como exemplo disso, utilizaremos uma narrativa ficcional, escrita com base em histórias de professores de língua espanhola como língua estrangeira de escolas públicas.

Mariana é professora de língua espanhola em uma escola pública. É professora de 9 turmas de ensino médio e leciona 50 minutos semanais em cada turma. O conteúdo que precisa trabalhar é muito amplo, a quantidade de alunos em sala também, e para que consiga cumprir com os objetivos anuais, Mariana precisa se reinventar todos os dias. O livro didático proposto pelo Programa Nacional do Livro Didático não atende à proposta, pois não foi criado pensando no contexto da escola pública. Então, professora Mariana resolveu abolir o uso do livro didático e para tornar o aprendizado possível ela traz para suas aulas materiais diversos.

A escola que trabalha, tem como planejamento bimestral, duas avaliações somando 70% da nota e um ou mais trabalhos de 30%. Se olharmos para a contabilização de aulas x atividades, a professora que conta com 8 aulas no bimestre, teria que disponibilizar 2 dessas aulas para avaliações, restando apenas 6 aulas para conteúdo e trabalhos. Frustrante.

Frustrada, é assim que ela se sentia quando seguia o proposto pela escola em início de carreira. Mas com o passar do tempo de docência, ela descobriu que sua autonomia como professora poderia ultrapassar algumas regras impostas pelo sistema, de maneira a potencializar suas aulas e beneficiar seus alunos. Assim, ela resolveu a título de experiência, planejar seu bimestre à sua maneira. As 8 aulas seriam voltadas para atividades formativas, que envolviam aprendizado da língua e cultura hispanas e a avaliação se daria no processo, além de culminar o aprendizado do bimestre em um projeto em que os alunos deveriam produzir infográficos como portfolios em que apresentariam um dos temas estudados, e um tema de seu interesse, esse projeto, utilizando a língua espanhola para apresentar seu tema escolhido. Como não era possível romper com o sistema de pontuação, esse projeto valeria a pontuação destinada às duas avaliações, e os critérios de avaliação não seriam validados erros e acertos no uso do idioma, mas sim a capacidade e envolvimento do aluno em desenvolver seus temas usando a língua espanhola, além dos critérios para se produzir um infográfico, já que aprender sobre esse gênero também fazia parte das habilidades a serem desenvolvidas no bimestre.

No sistema para lançamento das notas continuava solicitando lançamento de prova, e no lugar ela colocava as notas atribuídas ao projeto desenvolvido pelos alunos.

Feliz e surpresa, é assim que ela se sentia ao perceber a leveza com que os alunos desenvolviam seu aprendizado da língua por meio dos projetos. Surpresa por ver a ampla capacidade deles em construir seu próprio aprendizado, desde que fosse algo do seu interesse e não algo imposto por livro didático algum.

Essa narrativa apresenta um cenário comum entre professores de língua estrangeira, especificamente a língua espanhola, pouca carga horária semanal, muitos alunos em sala e a escassez de material didático adequado para subsidiar suas aulas.

Professora Mariana, representando esses professores de E/LE espalhados pelo país, utilizou-se de sua autonomia como professora e de seus conhecimentos sobre as habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos e agiu de maneira insubordinadamente criativa ao romper com o proposto pelo sistema escolar, abolindo as avaliações e também o uso do livro didático. Vale observar, que toda sua ação foi pautada nos princípios éticos, morais e de justiça social, conforme apontam D'Ambrosio e Lopes (2015).

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao voltar nosso olhar para a Insubordinação Criativa na área de língua espanhola, afirmo a necessidade de desenvolver mais estudos nesse campo do conhecimento, tratando dos aspectos constitutivos da IC e como isso tem impactado a prática pedagógica cotidiana dos professores em escola pública.

Há que se deixar claro que ações insubordinadamente criativas não são atos de rebeldia ou contrassenso. Pelo contrário, são atos de amor e responsabilidade pelo fazer docente.

Ousar sair do confortável lugar das regras preestabelecidas é muito trabalhoso e desafiador. Por isso, se faz necessário uma grande dose de amor e coragem para ser insubordinadamente criativo no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático. **Bolema**, v. 29, n. 51, 2015, p. 1-17.

MORRIS, V.C.; CROWSON, R.L.; HURWITZ JR., E.; PORTER-GEHRIE, C. **The urban principal**. Discretionary decision-making in a large educational organization. 1981. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED207178>
Acesso em: 31/08/2023.